

Samambaia

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS | GOIÂNIA, ABRIL, 2013

Quando a invisibilidade nos afasta

Diagramação: Laura de Paula
Edição: Bruno Falcão, Carlos Eduardo, Danilo Boaventura, Guilherme Semerene, Igor Pereira, Layane Palhares, Natália Carvalho, Talitha Nery e Weverthon Dias



Moradores de rua de Goiânia têm enfrentado a maior das humilhações sociais: a morte. Frente a essa realidade, práticas de inclusão social tornam-se necessárias por parte da sociedade. >>9

Reprodução

Trânsito

Com mais de um milhão de carros nas ruas, pedestres goianienses não têm seus direitos respeitados na capital. A má sinalização das vias (ou falta dela) é uma das dificuldades >>11



Cristina Cabral

Cultura

Sábios da oralidade preservam memória coletiva e transmitem seus conhecimentos >>5

Entrevista

Professor de Jornalismo, Edson Spenthof, fala sobre a Ley de Medios na Argentina e a democratização da comunicação brasileira >>13

Saúde

Terceira idade aposta em atividades físicas para manter o vigor e evitar doenças >>6

Colunas

Ai que tudo! >>10
Com a bola toda >>12
Cinepop >>14
Crônicas & cia >>15

editorial

Acolhidas e despedidas

Texto: **Brunno Falcão e Carlos Eduardo Pinheiro**

O primeiro semestre de 2013 veio com atraso, mas chegou. Que os novos graduandos sejam bem-vindos e os antigos colegas bem recebidos de volta. A equipe do jornal-laboratório Samambaia deseja que todos se sintam em casa.

Em tempos como este, pensamos em como tornar um ambiente agradável para abrigar, por boa parte do tempo, várias pessoas e suas diversas particularidades, sejam elas quais forem.

Nesta primeira edição do novo semestre, tratamos da inserção de portadores de necessidades especiais no mercado de trabalho. O preconceito ainda é forte, falta muito a ser feito, mas leis já

tentam melhorar a situação.

Ainda com espírito acolhedor, você lerá uma reportagem sobre ajuda a moradores de rua – uma onda de violência vitimou quase 30 pessoas desde agosto de 2012 – por meio de instituições que trabalham para acolhê-los. Casas como as da Comunidade Luz da Vida tentam dar parte do auxílio necessário e recuperar o mínimo de dignidade humana, inserindo os moradores de rua em um ambiente familiar em que são incentivados a ajudar, inclusive nas tarefas domésticas.

Mas como nem tudo são flores (ou talvez sejam), nos despedimos de alguém que passou pela Facomb e deixa sua marca em nosso Laboratório: a monitora Laura de Paula Silva, que durante dois anos foi o braço direito de toda a equipe do Samambaia. À ela, que suportou

artigo

Terceirizamos nossa memória?

Texto: **Águita Araújo**

Ando meio esquecida! De uns tempos pra cá, seja nos compromissos que deixo de fazer ou nos objetos que perco por aí, a falta de memória se tornou minha companhia inseparável. Esqueço coisas banais, palavras, perguntas, até o que pretendia falar. Ontem, foram os livros que peguei na biblioteca e não devolvi. Semana passada, a água do meu gato que deixei de trocar. Posso estar me esquecendo de algo importantíssimo nesse momento.

E os nomes? São o mais difíceis. Engraçado que antes eu tinha orgulho pelos nomes que conseguia guardar: colegas de escola, professores, personagens de filmes e livros, atores e escritores. Agora que posso encontrá-los facilmente em uma busca na Internet, eles estão se apagando das minhas lembranças. Os nomes, não os rostos. Esses ficam para me lembrar de que devo prestar mais atenção quando as pessoas se identificam. Mas isso não acon-

tece só comigo, quem nunca passou pela situação de cumprimentar uma pessoa cujo nome não se recordava?

Pois é! Dizem que a escrita foi o “primeiro passo” para deixar as pessoas assim. Antes do computador e do celular, Sócrates já temia o enfraquecimento da mente por meio das Letras que levariam ao declínio moral e intelectual da sociedade. Ah, se ele vivesse nos dias atuais, em que parte da vida de algumas pessoas é controlada por um aparelho com menos de seis polegadas, que contém agenda, despertador, internet, endereços, mapas, compromissos, compras e até rede de amigos.

É notável, ao menos em minha experiência prática, que algumas tecnologias estão cumprindo funções que antes eu mesma fazia. Não decoro mais números telefônicos, datas de aniversário raramente são recordadas e, às vezes, esqueço até do meu próprio aniversário.

Outro dia, li um artigo que falava justamente sobre o “efeito Google” em nossas



a rotatividade de professores, repórteres e editores que mudam a cada semestre, e que dedicou boa parte do seu tempo

à produção e finalização de nossas edições, fica o nosso muito obrigado e esta pequena homenagem.

Samambaia

Ano XIII – Nº 59, abril de 2013
Jornal Laboratório do curso de Jornalismo
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
Universidade Federal de Goiás

Reitor
Professor Edward Madureira Brasil

Diretor da Faculdade
Professor Magno Medeiros

Coordenador do Curso de Jornalismo
Professor Juarez Ferraz de Maia

Coordenadora Geral do Samambaia
Professora Luciene Dias

Editor de Diagramação
Professor Salvio Juliano

Monitoria
Laura de Paula Silva

Diagramação
Alunos da disciplina Laboratório Orientado –
Diagramação

Edição Executiva
Alunos da disciplina Jornal Impresso II

Produção
Alunos da disciplina Jornal Impresso I

Contato
Campus Samambaia - Goiânia/GO - CEP 74001-970
Telefone: (62) 3521-1092
E-mail: samambaiamonitoria@gmail.com

Impressão: Cegraf/UFG
Tiragem: 1000 exemplares



UFG sedia Encontro de Cursinhos Populares

EM NOVEMBRO, PROJETO DE EXTENSÃO DA FACOMB PROMOVERÁ EVENTO NACIONAL PELA PRIMEIRA VEZ FORA DA REGIÃO SUDESTE

Texto: Igor Pereira

Edição e Diagramação: Laura de Paula

Em busca do sonho de uma educação pública estritamente popular, democrática e acessível à toda a população, a UFG vai sediar, entre os dias 14 e 16 de novembro deste ano, mais uma edição do Encontro Nacional de Cursinhos Populares. Quem compra a ideia e assume a direção do evento é o Projeto de Extensão FazArte que, desde 2005, atua em prol da comunidade, através de alunos da própria Universidade que se dispõem a dar aulas no cursinho pré-vestibular aberto ao público.

O Encontro visa promover e intensificar a interação entre as iniciativas tomadas nesse campo em todo o Brasil, além de discutir os caminhos da educação popular e pública no país. O grande diferencial da edição de 2013 é que, pela primeira vez, o Encontro será realizado fora da região Sudeste.

No ano passado, o evento foi sediado na cidade de Viçosa, em Minas Gerais, marcada pela característica de abrigar

universidades importantes, como a Universidade Federal de Viçosa (UFV). Foi a primeira vez em que o Encontro saiu do eixo Rio-São Paulo. A decisão de Goiânia sediar o evento em 2013 partiu da reunião de dirigentes de cursinhos populares de todo o país, participantes do último congresso.

O estudante de História Alan de Meideiros, que integra o FazArte desde 2011, é um dos coordenadores do projeto de extensão e ressalta a importância de Goiânia para ampliar e difundir a força dos cursinhos populares. "O FazArte manifestou o interesse em abrigar o Encontro, e a ideia foi aceita por todo mundo. Vai ser muito interessante e importante, porque tira um pouco do foco no trabalho da região Sudeste e passa a envolver as outras regiões do Brasil."



Estudantes participantes do FazArte em dois momentos: durante prova e em reunião

Arquivo FazArte

No ano passado, cerca de 200 pessoas envolvidas em dez projetos de cursinhos populares do Brasil estiveram na cidade mineira. Sem apostar em estimativas, o FazArte pretende fazer um Encontro amplo com mais pessoas e projetos envolvidos. "É muito cedo para falar em números, a gente ainda está muito no começo do planejamento do Encontro. Mas a gente quer mesmo derrubar fronteiras e envolver vários Estados", afirma Evaristo Rezende, estudante de Direção Artística da UFG e membro do FazArte.

Segundo ele, o apoio da Universidade ainda não está garantido. Os integrantes da equipe estão escrevendo o projeto para enviar à Reitoria. "Esperamos uma resposta positiva e um bom apoio, até porque a realização desse Encontro aqui em Goiânia vai ser muito interessante para a nossa Universidade", conta. Após a aprovação do projeto, o grupo vai cuidar da logística e fazer os convites para trazer convidados de fora do Estado.

Coletividade

Como a ideia do FazArte é democratizar o acesso à educação, sua estrutura

administrativa não poderia ser individualizada. Estudantes de diversos cursos fazem um trabalho participativo e colaborativo, visando um resultado coletivo.

Evaristo Rezende se envolveu com o projeto antes mesmo de se tornar universitário. Ele foi um dos jovens atendidos pelo FazArte no período pré-vestibular. Com as aulas do projeto, Evaristo conseguiu ingressar na Escola de Música e Artes Cênicas. Depois voltou como integrante da equipe para continuar envolvido com a educação popular. "O FazArte acrescentou muito na minha vida, não só pelas aulas do cursinho, que me possibilitaram a entrada na universidade, mas também pela visão de mundo que eu adquiri. Dentro do projeto o aluno amadurece uma visão ideológica, uma consciência crítica do mundo e da sociedade e sai diferente."

Em 2012, mais de 30 alunos que fizeram o cursinho pré-vestibular foram aprovados na UFG. No entanto, o FazArte é a favor do acesso irrestrito da população ao ensino superior, sem processos seletivos excludentes, já que a cada ano, mais de 25 mil estudantes não conseguem entrar na UFG. Mais informações no site www.fazarte.facomb.ufg.br.

Objetivos do Encontro

- Configurar o Encontro como um evento de âmbito nacional;
- Discutir temáticas acerca da educação brasileira;
- Socializar experiências pedagógicas e organizacionais;
- Levantar um debate acerca do acesso ao ensino superior;
- Construir uma comunicação efetiva entre os cursinhos populares;
- Refletir a relação entre cursinhos e Universidades;
- Articular com vários grupos uma parceria para discutir a educação universitária;
- Fortalecer os cursinhos como espaços de formação de educadores.

Mais idosos buscam atividades físicas

COM O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, AUMENTA A PROCURA DA TERCEIRA IDADE POR EXERCÍCIOS. NINGUÉM QUER FICAR PARADO

Texto: **Gabriel Nascente**

Edição: **Talitha Nery**

Diagramação: **Laura de Paula**

“**R**ecomeça. Faz de tua vida mesquinha um poema. E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir”. Esse trecho do poema “Aninha e suas pedras”, de Cora Coralina, demonstra o pensamento de algumas pessoas da terceira idade que continuamente procuram se reinventar.

De acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as pessoas com até 25 anos de idade tiveram menor representatividade no total da população brasileira, enquanto houve crescimento no número de idosos. Os dados mostram aumento dos brasileiros com 65 anos ou mais na participação relativa da população, que era de 4,8% em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010.

Marilda Moraes, 59 anos, faz parte deste grupo que cresce cada vez mais nas estatísticas. Ela dançou por aproximadamente dez anos, todos os dias, em clubes da terceira idade na capital. Atualmente, trabalha na limpeza de uma academia das 17h às 22h e, ao sábados, faz malhação das 10h às 12h. Mãe de três filhos, é questionada o tempo todo por eles sobre como consegue viver essa rotina intensa. “O segredo é as pessoas procurarem a atividade, a interação. A terceira idade é a melhor idade”, diz.

A professora aposentada Mafalda Fonseca, 65 anos, nunca se contentou com pouco. Apesar da profissão e dos três filhos, nunca abandonou sua paixão pelo vôlei. De 1974 a 1984, ela se ausentou das quadras, porém retornou com um time composto somente por senhoras. “O nosso objetivo era promover a diversão e também a competição.”



Muitos idosos têm procurado academias de ginástica. Eles preferem horários de maior tranquilidade e buscam interação

O time Vôlei Master, de Mafalda, foi fundado no dia 2 de abril de 1984. A mesma equipe conseguiu, em 2008, organizar e realizar em Caldas Novas (GO), o XVII Campeonato Brasileiro de Voleibol Master Damas de Ouro, focado na participação de atletas com idade mínima de 50 anos. Além disso, em 2010, a equipe também promoveu o X Campeonato Brasileiro de Voleibol Master Damas de Esmeralda, dessa vez em Goiânia, voltado para as atletas com mais de 55 anos de idade.

Há um ano, Mafalda está afastada das quadras devido a um tratamento na coluna. Mas de acordo com ela, o problema é momentâneo e pretende retornar para o esporte em breve.

Procura

O educador físico e dono de academia, Luciano de Castro Ferreira, afirma que seu estabelecimento tem alunos de até 85 anos, sendo que os idosos correspondem de 10% a 20% de seu público. Ele afirma que essa faixa etária procura

se exercitar pela manhã por haver maior tranquilidade e poucas pessoas. “Eles revezam os equipamentos e podem ser acompanhados mais de perto por um profissional, porque poucos deles tiveram experiência com academia antes. O nosso objetivo também é atender aquilo que, de certa forma, eles mais procuram nessa idade, que é a interação”, esclarece.

Cuidados

O geriatra Ricardo Borges da Silva afirma que a população idosa é a mais heterogênea de todas. É por isso que pessoas neste grupo podem ter diferentes graus de incapacidade e dependência. Ele ressalta que alguns cuidados são fundamentais, como consultar um médico para evitar o risco de complicações antes de iniciar uma atividade física. “O consumo de alimentos e a ingestão de líquidos devem ser lembrados, além do uso de roupas adequadas. As atividades devem ser seguidas de alongamento para evitar lesões articulares ou de tendões.”

O geriatra acrescenta ainda que para cada objetivo específico, existe um treinamento diferente. Portanto, é necessário que um profissional de educação física ou fisioterapeuta acompanhem o treino.

Sexualidade

Ricardo destaca que, assim como todos os sistemas orgânicos, a função sexual também sofre alterações com a velhice. Ele explica que nas mulheres a libido pode diminuir devido à queda dos níveis hormonais e, nos homens, pode haver problemas com ereção. Mas esclarece que a impotência sexual não é uma alteração normal da velhice e deve ser avaliada por um médico. Para ele, nada disso impede que o casal mantenha uma vida sexual ativa e saudável.

Ele complementa suas recomendações ao defender que o uso de preservativos também deve ser estimulado. Doenças sexualmente transmissíveis como AIDS, hepatite B ou C e sífilis também podem acontecer na terceira idade.

S E G U R A N Ç A

Afogamentos de crianças preocupam

PISCINAS SÃO GRANDE ATRAÇÃO PARA OS PEQUENOS, PORÉM REPRESENTAM SÉRIOS RISCOS. SAIBA COMO PREVENIR ACIDENTES

Texto: **Murilo Nascente**

Edição: **Danilo Boaventura**

Diagramação: **Laura de Paula**

O número de acidentes por afogamento, principalmente com crianças, se tornou muito evidente nos últimos meses e colocou o problema no centro dos debates sobre segurança doméstica e infantil. Em pouco tempo, Goiás foi palco de dois afogamentos trágicos. Em um dos casos, dois bebês caíram na piscina de um berçário da capital, resultando na morte de um deles. No outro, uma criança de três anos morreu afogada em uma piscina de Goianésia. Esses fatos são apenas espelhos de uma realidade mais trágica.

Segundo dados da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (Sobrasa), quatro crianças de até 10 anos morreram afogadas todos os dias no Brasil. Desse número de afogamentos, 53% ocorrem em piscinas. Porém esse tipo de acidente pode acontecer em baldes, banheiras, rios, entre outros locais de risco.

Em Goiânia, o Corpo de Bombeiros registra cerca de 12 casos de afogamentos com crianças por mês. Para o tenente Eberson Holanda, a principal causa

desses acidentes é a falta de supervisão dos pais. "A criança nunca deve nadar sozinha. Os pais ou responsável têm que estar por perto, atentos à qualquer problema que venha a acontecer", comenta. Ele ainda ressalta a importância de usar boias, coletes salva-vidas e outros objetos que ajudem a criança a flutuar na água.

Prevenção

Preocupados com o afogamento doméstico, os pais buscam alternativas para eliminar ou reduzir esse tipo de acidente. Proteções nas piscinas, como grades e lonas de cobertura, devem ser utilizadas. O comerciante Paulo de Lima tem dois filhos pequenos: Pedro, 7, e Valentina, 3. Ele optou por colocar grades na piscina de casa para evitar problemas. "Quando o Pedro começou a engatinhar eu já resolvi colocar a proteção em volta da piscina. Logo depois veio a Valentina, então mantive a grade. Dá mais tranquilidade", ressalta. Mesmo com a proteção, Paulo se diz atento à movimentação das crianças perto da piscina.

Outra opção para evitar acidentes é a natação, que se torna uma aliada na prevenção contra o afogamento. O professor de natação infantil, Dênis Júnior, revela que os pais procuram as aulas



A morte por afogamento é rápida e silenciosa.

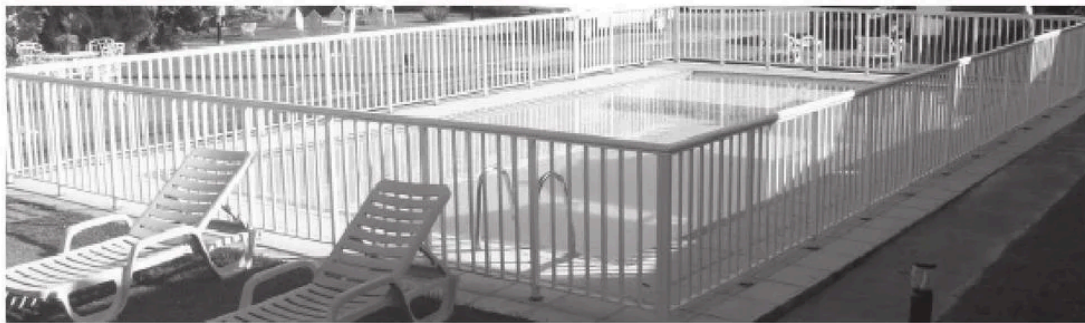
Imagens: Reprodução

desde os primeiros meses de vida da criança. Segundo ele, com dois meses de idade o bebê já pode começar as aulas. "Nessa idade ocorre a ambientação das crianças com a água e, a partir dos 2 anos, a gente começa a ensinar realmente a natação", explica.

De acordo com o professor, saber nadar previne afogamentos, mas só essa medida não é garantia de segurança total. "É importante também que as crianças

frequentem piscinas rasas, em que consigam alcançar o fundo com os pés e estejam sempre supervisionadas pelos pais. Só por volta dos 8 anos de idade é que a criança que sabe nadar reduz o risco de afogamento a quase zero", aponta Dênis.

Para evitar problemas é sempre bom se manter atento a todas essas questões. Acidentes envolvendo água são muito frequentes e um pouco de atenção e cuidado podem evitar a maioria deles.



Grades de proteção em piscinas é uma alternativa para prevenir acidentes; mesmo assim os pais devem ficar de olho nas crianças



Quatro crianças de até 10 anos morrem afogadas todos os dias no Brasil. Desse número de afogamentos, 53% ocorrem em piscinas.

c o m p o r t a m e n t o

“Até que a morte nos separe...”

MAIORIA DOS CRIMES PASSIONAIS É CAUSADA POR CIÚME DOENTIO. SAIBA QUANDO ESSE SENTIMENTO DEIXA DE SER SAUDÁVEL E TORNA-SE NOCIVO

Texto: **Renan Nogueira**
Edição: **Adriane Rocha**
Diagramação: **Amanda Araújo**

Caso Eloá: muitos se lembram de quando Lindemberg Alves, 22, sequestrou a ex-namorada Eloá Pimentel, 15, por não aceitar o fim do namoro. Cem horas depois, a adolescente levou um tiro e morreu. Lindemberg foi condenado a 98 anos e 10 meses de prisão, em Santo André (SP).

Caso Farah: Maria do Carmo Alves foi encontrada morta no porta-malas do carro do cirurgião plástico e amante Farah Jorge Farah. O caso aconteceu em 2003, após quase 20 anos de romance. O médico foi condenado em 2008 a 13 anos de prisão, mas pôde aguardar recurso em liberdade, em São Paulo (SP).

Caso Guilherme de Pádua: A atriz global Daniella Perez, filha da novelista Glória Perez, foi assassinada pelo ator com quem formava par romântico, Guilherme de Pádua, e pela mulher dele. O ator dizia ser perseguido por Daniella, até que uma briga entre ela e sua mulher resultou em 18 facadas, em 1992. Guilherme foi condenado, em 1997, a 19 anos de prisão, no Rio de Janeiro (RJ).

Além de serem crimes que causaram grande comoção nacional e grande enfoque da mídia, principalmente televisiva, esses três casos têm algo em comum: foram motivados por ciúme doentio, comportamento mais comum que se possa pensar. Felizmente o desfecho nem sempre é tão trágico.

Um dos órgãos que ajuda as pessoas em caso de ciúme extremado é a Secretaria

de Estado de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial (Semira). Para isso, existe o disque denúncia, que é o 180. Maria Rita Medeiros, gerente na Semira, diz que o ciúme é natural em um relacionamento desde que seja algo saudável e una o casal.

Segundo ela, o ciúme é considerado exagerado quando há clara tentativa de

pessoa de dominar o parceiro limitando sua liberdade. “Começa com simples advertências, com acusações falsas e ilusórias, podendo ter violência e cárcere privado”, salienta. Nesses casos, uma boa solução é procurar por terapia.

Tratamento

Rafael dos Santos, psicoterapeuta e autor do livro *Viveram Felizes para Sempre*, afirma que quem mais precisa de ajuda é o ciumento, mas que o casal deve reaprender a viver sem depender um do outro. “Quem mais procura pela minha ajuda são mulheres entre 20 e 40 anos com ensino médio ou superior completos.”

Após diagnosticados os fatos, o próximo passo é mudar a mentalidade do ciumento e fazer com que ele confie na pessoa amada. “Ainda é preciso melhorar a autoestima e a autoconfiança que, nesses casos, estão prejudicadas”, com-

pleta Santos.

Caso haja ciúme doentio, qualquer pessoa pode procurar ajuda com um psicólogo ou mesmo fazer denúncias pelo 180. Maria Rita lembra que todos estão resguardados pela lei. “Existem casos de relacionamentos homossexuais no qual o companheiro, por agressão, é condenado com base na Lei Maria da Penha”.

Santos comenta que não vale a pena passar a vida com ciúmes, principalmente quando a maioria dos motivos é fruto da imaginação. “Se escolho permanecer com essa pessoa, então devo confiar nela”, ressalta.

“Se escolho permanecer com uma pessoa, então devo confiar nela.”

Rafael dos Santos,
psicoterapeuta



Julgamento de Lindemberg Alves, acusado do assassinato da ex-namorada Eloá Pimentel

Ciúme doentio

- Se preocupar é normal. Quase sofrer um colapso de preocupação não!
- Querer saber onde o companheiro está também é normal. Enlouquecer por não saber onde ele está é exagero.
- Perguntar ao companheiro como vai o trabalho é cordial. Obrigá-lo a contar cada detalhe não é normal.
- Tudo bem em perguntar com quem o parceiro está se relacionando. Nada bem em vasculhar todo tipo de contato eletrônico como celular, e-mail e redes sociais.
- Pensar que a pessoa se atrasou por algum motivo que vai ser explicado depois é normal. Mas criar “mil” teorias sem prova alguma imaginando a traição é exagero!

Sábios preservam memória coletiva

PROGRAMA NACIONAL QUE PROMOVE DIÁLOGO ENTRE SABERES DO ORALISMO E CONHECIMENTOS ACADÊMICOS TEM INCENTIVO FINANCEIRO SUSPENSO

Texto: **Palloma Biasi**

Edição: **Layane Palhares**

Diagramação: **Filipe Carvalho**

Dona Marieta diz à repórter por telefone: “Eu nunca te vi minha filha, mas amo você”. Com 76 anos, a poetisa é uma das Mestres Griôs no Ponto Cultural Comunidade Educacional de Pirenópolis (PC Coepi). Griô é uma palavra africana e significa pessoa reconhecida como sábia por sua comunidade, pois guarda na memória conhecimentos ancestrais transmitidos de geração a geração pelas tradições orais.

Dona Marieta realiza no Coepi oficinas de teatro, cantoria e poesia com os estudantes das escolas locais. “Eles me perguntam sobre a história da cidade e os namoros de antigamente”, conta. Há dois anos, dona Marieta não recebe a bolsa-auxílio, incentivo do programa Ação Nacional Griô, parceria firmada em 2006 entre o Ponto Cultural Grãos De Luz e Griôs, de Lençóis, na Bahia, e o Ministério da Cultura.

A Ação Nacional Griô é uma rede de pontos culturais espalhados por todo o país, que se envolvem no trabalho de valorizar os conhecimentos ancestrais e coletivos guardados na memória dos Mestres. Antes do programa nacional, os pontos de cultura já realizavam encontros entre Griôs e a comunidade. Por isso, mesmo com o auxílio governamental interrompido, as ações continuam.

Segundo Daraina Pregnolato, diretora PC Guaimbê, outro ponto cultural de Pirenópolis, a troca ministerial no ano passado dificultou a retomada dos editais do programa. Ela afirma que Ana de Holanda, antecessora de Marta Suplicy, preferiu dar mais apoio aos artistas conhecidos nacionalmente do que aos Griôs e a atual ministra não deu cara nova ao Ministério.

Daraina ressalta ainda que a bolsa-auxílio é um incentivo importante porque

muitos Mestres são pessoas humildes. De acordo com ela, a aprovação da Lei Nacional Griô, que tramita no Congresso Nacional, vai regularizar o pagamento do auxílio e garantir o espaço das tradições orais nas escolas e a valorização desses saberes.

Pedagogia Griô

Das atividades realizadas em escolas de Lençóis, na Bahia, pelo PC Grãos De Luz e Griô, em 1998, surgiu a Pedagogia Griô. Ela constrói o diálogo entre conhecimentos populares e educação formal e afirma que nenhum saber é superior a outro. A diretora do PC Guaimbê diz que muitos Mestres, antes das ações dos pontos culturais, não pensavam que seus conhecimentos eram relevantes. “Como nunca tinham ido à escola, não se achavam sábios”, diz.

Os pontos culturais Guaimbê e Coepi trabalham com a Pedagogia Griô. Segundo Daraina, a Pedagogia, que tem como referência o educador brasileiro Paulo Freire, enfrenta dificuldades em algumas escolas. “Muitas professoras preocupadas com o currículo e o planejamento escolar

querem muito trabalhar conosco, mas sofrem para se adaptar”, relata.

Daraina é contrária aos encontros entre estudantes e Griôs ocorrerem no contraturno, horário que geralmente é direcionado às atividades de lazer e não às matérias curriculares. Ela tenta mostrar aos educadores que os diálogos com os Mestres tornam os conhecimentos aprendidos nas salas de aula mais “vivos”.

A diretora do PC Guaimbê conta uma história sobre a contribuição da Pedagogia Griô para a aprendizagem dos estudantes. Na aula sobre Santa Dica, os alunos visitaram o povoado de Lagolândia, em Pirenópolis, para conhecer a vida da mulher que foi líder de um movimento religioso e lutou pelo voto feminino. O mestre Griô Seu Sebastião, de 96 anos, conheceu Santa Dica e foi convidado para contar his-



Encontro de estudantes com Mestre Griô

tórias às crianças sobre o que elas liam nos livros. “Elas ficaram encantadas”, lembra Daraina.

UFG quer viabilizar campus da Universidade Griô

Em dezembro de 2012, os professores de Jornalismo da UFG, Nilton Rocha e Luciene Dias, viajaram a São Paulo para o curso de extensão da Universidade Griô campus Universidade de São Paulo (USP). Segundo Rocha, coordenador do Laboratório Magnífica Mundi, que realiza projetos envolvendo troca de saberes entre acadêmicos e comunidades, o propósito da viagem foi concentrar energia na criação do campus Griô UFG.

A professora Luciene Dias coordena o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Diferença, que vai viabilizar o campus

Griô UFG junto com o Magnífica Mundi. Nilton Rocha afirma que a Universidade Griô campus UFG servirá para fortalecer e articular trabalhos que já vem sendo feitos, como os projetos do Núcleo de Estudos em Educação no Campo da Faculdade de Educação Física.

De acordo com o professor, a Pedagogia Griô quer desconstruir o conhecimento que a universidade construiu ou armazena, mas efetuar diálogos entre saberes acadêmicos e populares. Ele cita como exemplo a terra preta indígena, produto muito fértil, mas que a Agrono-

mia não consegue explicar seu processo de formação. “Onde estão esses conhecimentos? Com os sábios”, diz.

A Universidade Griô rompe com a ideia de que apenas pessoas com formação acadêmica possuem sabedoria. Segundo Rocha, a Arqueologia contribui para o reconhecimento dos saberes ancestrais e para quebrar a perspectiva histórica de que o conhecimento chegou com os europeus. “Nós somos a continuidade desses povos que estão aqui há 18 mil anos. Quando você fala do [índio] Xavante não é uma cultura alheia, é a minha e a sua”.

Inclusão social ainda é sonho distante

EMPRESAS COM MAIS DE CEM
FUNCIONÁRIOS DEVEM DESTINAR
DE DOIS A CINCO POR CENTO DE
SUAS VAGAS PARA DEFICIENTES

Texto: **Wéber Félix**
Edição e Diagramação: **Laura de Paula**

O mercado de trabalho brasileiro começou, nas últimas décadas, a abrir espaço para a atuação de servidores que possuem algum tipo de necessidade especial. No entanto, ainda existem entraves para a inclusão desse público, devido à falta de experiência das empresas e de instituições educacionais em proporcionar ambientes de igualdade.

Para suprir as necessidades dos deficientes, a inclusão social surgiu com o objetivo de tornar essas pessoas participantes da vida social, econômica e política. Além disso, devem ter seus direitos respeitados no âmbito da sociedade, do Estado e do poder público.

A advogada Sthefânia Cristina explica que para assegurar a contratação de pessoas com deficiência foi aprovada uma Lei de Inclusão Social, em 2004. Essa norma obriga as empresas com mais de cem funcionários a ocuparem de dois a cinco por cento das vagas com beneficiários reabilitados ou pessoas com deficiência.

“A importância dessa lei é disciplinar a inclusão dos portadores de deficiência no mercado de trabalho a fim de que sejam integrados socialmente exercendo seus direitos sociais”, afirma Sthefânia.

A lei é importante para discutir as dificuldades enfrentadas por essas pessoas cotidianamente. “No entanto, a porcentagem fixada ainda é insuficiente para chegar ao número de deficientes existentes no Brasil”, afirma Cintia Oliveira, 25, assistente administrativa com limitação calcânea, deficiência causada por má formação nos ossos do pé. De 2005 a 2010, 143 mil pessoas com deficiência foram inseridas no mercado de trabalho, de acordo com dados da Secretaria de Inspeção do Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego. O número de contratações por ano cresceu de 12 mil para 28 mil, aumento de 124 por cento.

Maria Pereira, 42, deficiente auditiva, se sente incluída nesse dado, pois há dois anos conseguiu uma vaga de auxiliar de produção em uma multinacional na cidade de Anápolis.

Já Regina Aparecida, 37, cadeirante, diz que apesar do mercado de trabalho ter aberto muitas vagas, o preconceito dos outros trabalhadores para o deficiente continua, o que é constrangedor em algumas situações. Segundo Sthefânia Cristina, apesar do número de contratações ser positivo, muitas empresas ainda não estão cumprindo a lei, seja por falta de mão de obra ou por preconceito em admitir um portador de deficiência. Os

“Apesar do mercado de trabalho ter aberto muitas vagas, o preconceito dos outros trabalhadores para o deficiente continua”

Regina Aparecida,
deficiente física

representantes acusam o setor privado de má vontade, enquanto os empregadores afirmam que enfrentam dificuldades com a falta de qualificação e entraves legais.

Apae

O professor Marcelo Melo, que trabalha na formação inicial do trabalho, na Apae de Anápolis, declara que o mercado de trabalho exige mão de obra especializada, o que foge à realidade do deficiente. Afinal, eles têm mais dificuldade na aprendizagem e na execução dos serviços. Por esse motivo, muitas vezes as empresas não estão aptas a receber os portadores de deficiência. “Para resolver esse problema a Apae, juntamente com os estabelecimentos comerciais, está realizando um trabalho de adaptação tanto para empresas quanto para aqueles que necessitam”, explica. Diante desse projeto, a Apae de Anápolis conseguiu colocar no mercado de trabalho pelo menos 37 pessoas em diversas áreas.

Segundo Melo, o setor que fornece mais vagas é o de auxiliar de produção, em seguida vêm as multi-

nacionais, os laboratórios químicos e até mesmo os frigoríficos. O professor ainda ressalta que apesar de muitos já terem conseguido entrar no mercado de trabalho, ainda existe bastante preconceito da sociedade, o que acaba sendo uma barreira na relação de convivência no serviço.

Historicamente os deficientes não faziam parte do meio público, pois nada era adaptado a eles. Atualmente no Brasil há 27 milhões de pessoas portadoras de necessidades especiais. Um número considerável para que sejam visíveis e incluídas na sociedade.

Lei para incluir

O Decreto 3.298/99, em complemento à Lei 8.213/91, garante a adequação ambiental e igualdade de oportunidades no acesso ao trabalho e o cumprimento da cota de vagas. A Lei de Inclusão Social obriga as empresas com mais de cem funcionários a destinar um percentual de vagas a funcionários portadores de deficiência.

A porcentagem a ser aplicada é calculada sempre de acordo com o número total de empregados das empresas. Por exemplo, se forem até 200 empregados devem ser reservados 2%, de 201 a 500 funcionários, 3%, de 501 a 1000 pessoas, 4%, e acima de 1001, 5% do total.

Segundo a Lei, cabe aos empregadores garantir o bem estar e acessibilidade aos seus colaboradores para que tenham oportunidade de exercer suas funções de maneira adequada e mostrar seu potencial. A lei ainda prevê a proibição de qualquer ato discriminatório em relação a salário ou critério de admissão do emprego em virtude de portar deficiência.



OFICINA DE CORTE E COSTURA



TIMBAPAE



OFICINA DE PANIFICAÇÃO

Divulgação APAE

APAE de Anápolis promove diversas oficinas direcionadas a portadores de deficiências

c i d a d a n i a

Voluntários ajudam moradores de rua

SOCIEDADE CIVIL SE ORGANIZA PARA LEVAR DIGNIDADE A QUEM VIVE NA NOITE ESCURA

Texto: **Isadora Picolo**
Edição: **Frederico Ramos**
Diagramação: **Laura de Paula**

Escondido em um bueiro, fugia do cerco policial. Não sabia se era fragilidade ou medo, mas não sairia de lá. O susto era intenso. Tantas mortes já aconteceram. Quem seria o próximo? Ao lado, estava Maria Madalena Patrício, que há trinta anos acompanha os moradores de rua e sabe dos seus esconderijos estratégicos. Nessa noite, estava com eles escondida no bueiro entre escorpiões, ratos e sujeira. Mas sabia que precisava estar lá. “Eles precisam de alguém que lhes dá força e incentivo para buscar uma vida melhor.”

Maria Madalena coordena a Comissão da Pastoral de Rua do Vicariato Leste da Arquidiocese de Goiânia e acompanha homens e mulheres em situação de rua, por meio de conversas e ações, como consultas médicas e incentivos à higiene pessoal.

De acordo com ela, a Pastoral de Rua

sempre trabalhou em silêncio, sem manifestações. Mas desde agosto passado, tudo mudou devido ao elevado número de assassinatos de moradores de rua e a Pastoral foi procurada para contribuir com as investigações da Polícia Civil do Estado de Goiás. Nos últimos oito meses, 29 casos foram registrados na capital. As investigações apontam que a motivação dos crimes está relacionada ao tráfico de drogas.

Acolhida

Para combater e diminuir o agravante, instituições não-governamentais se mobilizaram. Em reunião com entidades de assistência social, a Secretaria Estadual de Direitos Humanos e a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) aumentaram as vagas nas casas de acolhida, locais que abrigam pessoas em situação de rua. É o caso da Comunidade Luz da Vida, que possui duas casas de acolhida: a São José, em Goiânia, e a Casa Bom Samaritano, em Aparecida de Goiânia.

Com mais de 50 vagas, as duas casas oferecem alimentação, material de higiene pessoal, dormitório e realizam orações com os internos. Para pernoitar, o morador de rua se compromete a cumprir regras. Eles ajudam na limpeza, fazem o almoço e auxiliam internos que têm dificuldades de locomoção dentro da casa por causa de acidentes ocorridos antes de chegarem, como fraturas nas pernas.

O fundador da Luz da Vida, Luis Antonio de Paula, conta que, ao ajudá-los contribui para alcançarem a dignidade perdida e que os chama, a todo instante, de irmãos. “Não existe distinção entre quem mora ou não na rua”.

Dificuldades

Existem algumas dificuldades para que os moradores se adaptem à nova vida. Segundo Elisangela Alves do Nascimento, diretora da Semas, o vínculo com a rua é forte devido as drogas e outros ví-

cios. “Eles podem até ir para uma casa de acolhida, ficam dois dias, mas acabam voltando para as ruas por não aceitarem as regras, horário para dormir, para se alimentar e porque vão ter que se afastar das drogas”, comenta.

Apesar dos esforços para retirá-los das ruas, o número de pessoas nesta situação vem aumentando. A última pesquisa realizada pela Semas estimou 500 pessoas vivendo em Goiânia nessa situação em 2012. No início deste ano, o número subiu para 600. Cerca de 70% desses moradores são de outros municípios e Estados que vêm em busca de melhores condições de trabalho e saúde. Os outros 30% são da capital, a maioria envolvidos com drogas e rompimento dos laços familiares.

O consultor técnico, Luis Fernando Soares, 22 anos, já visitou várias pessoas nessas condições e afirma que necessitam de atenção para serem ouvidas. “Quando estamos com eles nas ruas, eles querem falar. Falam de como é andar sozinho, dos problemas e esperam ouvir da gente palavras de conforto, até mesmo de Deus.” O jovem conta que conheceu alguns dos moradores que foram assassinados nos últimos oito meses e lamenta as fatalidades. Ele espera que o projeto Anjos das Ruas, do qual faz parte, ajude-os a encontrar força de vontade para saírem dos guetos.

Projetos

O Anjos das Ruas é um projeto em que jovens visitam moradores de rua durante a madrugada, levando pão de queijo, bolo de cenoura e pão com mussarela e presunto. Sentam junto com os moradores e conversam, cantam e rezam. Fer-



Moradores de rua fazem refeição na Casa Bom Samaritano

nando Barcelar, 26, empresário e coordenador do projeto explica que a missão é convencê-los a mudar de vida. “Levamos a palavra de Deus e queremos que eles se sintam tocados e chamados para lutar novamente pela vida.”

Ele lembra que, em uma viagem a Porto Nacional (TO), encontrou com uma ex-moradora de rua. “Ela usava drogas, tinha fugido de casa no Tocantins e veio para Goiânia. Chorou no dia que conversamos na rua e logo dormiu. Ela me disse que, quando acordou, decidiu mudar de vida, largou as drogas e voltou para a família”, conta com entusiasmo e alegria. “Encontrei um fruto do nosso projeto.”

Outros projetos para resgatar pessoas em situação de rua estão em análise, como o Café Convívio. Tendas são montadas em locais com grande concentração de moradores de rua para que possam comer pão e tomar leite e café. O objetivo seria convencê-los a procurar casas de abrigo e tratamento para a dependência química. A ideia é de Sônia Maria Braga, coordenadora do Instituto Metamorfose, que já foi moradora de rua e hoje sabe o valor em ajudar o outro.

A maioria dos projetos só se concretiza com a ação de voluntários, como Luis Fernando, que carrega no peito a vontade de levar luz para quem vive na noite escura.

>>>
No início do ano, o número de moradores de rua em Goiânia chegou a 600. Cerca de 70% vieram de outros municípios e Estados em busca de melhores condições de trabalho e saúde.



por Natália Carvalho e
Thaís Tarelho

Todas querem ser Marilyn Monroe

O pecado mora ao lado. Mas em breve poderá morar no guarda-roupa das fãs da diva norte-americana Marilyn Monroe. É que a rede de lojas de departamento Macy's vai lançar uma coleção inspiradas na musa. As peças foram criadas em parceria com a LF USA and Authentic Brands Group e pensadas para nós, mulheres entre 16 e 22 anos. A coleção é composta por vestidos curtos e longos, tops, calças cropped, t-shirts com estampas do rosto de atriz e peças-surpresa. A boa notícia é que a coleção vai custar de R\$ 48 a R\$ 148 e será vendida em 150 lojas e também online.



Oi, que tudo!

Alto clero

Febre nos anos 80 e destacados nos looks de Madonna, os colares de crucifixo voltaram com tudo. Básicos, com pedras, góticos ou românticos, os pingentes de cruz são uma boa maneira de aderir ao estilo monástico.



Quantas primaveras Karen Walker têm?

Você já ouviu falar no blog *Advanced Style*? É uma página criada por Ari Seth Cohen, que percorre as ruas de Nova Iorque fotografando o que ele chama de *old folks* estilosos – chame a tia avó e diga xissss! A página é incrível, mas isso é notícia velha. A novidade é que a campanha de primavera-verão 2013 dos óculos da neozelandesa Karen Walker foi fotografada por ele. O cast? Todo ele já havia dado as caras – pernas e braços – no blog de Ari Seth. Na campanha, mulheres entre 65 e 92 anos foram clicadas. Além do conteúdo visual, você pode conferir entrevistas feitas com as modelos no site da estilista: <http://www.karenwalkereyewear.com/>.



Fotos: Reprodução

Fashion Weekend plus size

A moda devia ser de todo mundo, não é? Mas não é bem isso que acontece... Nos catálogos vemos esporádicos tipos diferentes e dificilmente algum que fuja do padrão magrelinho-costela-de-fora. É o estigma da moda, alguns podem dizer... O Fashion Weekend plus size inverno 2013 vem dizendo que não. O evento, que se realizou dia 23 de fevereiro em São Paulo, reafirmou um segmento que vem crescendo no país: o GG, a numeração acima de 46. Peças em couro ecológico, franjas, saias justas de cintura alta, joias, biquínis e saídas de banho fizeram parte dos desfiles.



VERMELHO

Sucesso nos desfiles nacionais e internacionais, o batom vermelho será tendência também no inverno 2013. Os tons vão do vermelho mais claro ao vinho.

Por último, o pedestre goianiense

EM CONTRAMÃO AO CÓDIGO BRASILEIRO DE TRÂNSITO, GOIÂNIA PRIORIZA CARROS E NÃO RESPEITA OS DIREITOS DE QUEM SE LOCOMOVE À PÉ

Texto: **Weber Félix**
Edição: **Frederico Oliveira**
Diagramação: **Renato Verissimo**

Problemas de sinalização na Avenida Anhanguera colocam a segurança do pedestre em risco. No cruzamento da avenida com a Alameda das Rosas, no setor Oeste, quem sai da plataforma do Eixo Anhanguera pelo lado oeste enfrenta dificuldades para atravessar a via e chegar ao Lago das Rosas. Os carros que seguem em direção à Alameda também podem contornar à esquerda e entrar na Avenida Anhanguera. Quando o sinal fica vermelho nesse sentido, os veículos que estão na Anhanguera podem continuar na mesma via ou subir a Alameda das Rosas. Não há um momento em que os dois sinais ficam vermelhos para os pedestres atravessarem em segurança, fazendo com que esperem muito.

É o caso de Laide da Silva, servidora da Junta Médica Municipal. Ela passa pelo local todos os dias e já viu um acidente acontecer. A estudante de psicologia, Fernanda Gonçalves, também enfrenta o mesmo problema. “Fico muito tempo tentando atravessar a rua e os carros viram muito perto, a ponto de atropelar”, diz. Para chegar à calçada, ela ressalta que é preciso olhar o tempo todo para trás.

Muito se fala sobre a falta de educação dos motoristas de Goiânia, que geralmente não respeitam a faixa de pedestres. Várias campanhas de conscientização tanto para o pedestre como para o condutor já foram realizadas. Entretanto, os acidentes continuam ocorrendo nas faixas e ganham destaque nos noticiários locais.

Casos semelhantes acontecem em outras localidades de Goiânia. O tempo semafórico para os pedestres atravessarem toda a faixa é insuficiente. Muitas vezes, são obrigados a ficar no meio do cruzamento. A situação complica para idosos

e cadeirantes que têm seus direitos de acessibilidade cerceados.

Érica Quineibe, professora de Arquitetura e Urbanismo da UFG, alerta que em Goiânia já existem mais de um milhão de pessoas circulando pela cidade e, em alguns locais, a preferência no trânsito continua sendo dos automóveis e não dos mais vulneráveis: os pedestres e ciclistas.

“Além de ser necessário um tempo específico para o pedestre atravessar a rua, é preciso priorizar a segurança desse indivíduo para chegar à plataforma do Eixo”, ressalta sobre o cruzamento da Avenida Anhanguera com a Alameda das Rosas. Ela lembra que este problema não ocorre somente ali. Segundo Érica, os tempos de semáforo também precisam ser revistos em outras localidades.

Legislação

Esses problemas ocorrem em uma cidade nova, considerada inovadora por seu projeto urbanístico. No entanto, isso não assegurou que fossem respeitadas as normas sancionadas em 2008 pelo Plano Diretor de Goiânia. Tanto o Estatuto do Pedestre quanto o Código Brasileiro de Trânsito, leis municipal e federal respectivamente, preveem acessibilidade, conforto, segurança, preferência no trânsito e livre mobilidade. Contudo, não é o que se vê nas vias do corredor Anhanguera. Um cadeirante, por exemplo, não consegue atravessar um cruzamento como o da Alameda das Rosas em segurança.

O engenheiro de tráfego da Agência Municipal de Trânsito (AMT), Carlos Miranda, declara que o órgão trabalha com uma demanda acima de sua capacidade e, por isso, os problemas em semáforos como os da Avenida Anhanguera ainda não foram resolvidos. Ele afirma ainda que muito do que a AMT realiza é de responsabilidade do governo estadual. “Na concessão do corredor Anhanguera ao Estado foi es-



Pedestres se arriscam para atravessar a Avenida Anhanguera com a Alameda das Rosas

tabelecido que o governo seria responsável e também pela urbanização do mesmo, incluindo a sinalização”, explica Miranda.

História do Eixo Anhanguera é marcada por disputas políticas

O Corredor Leste-Oeste foi projetado pelo arquiteto Jaime Lerner, em 1976. O objetivo era dar agilidade ao fluxo da Avenida Anhanguera. Em 1997, com o fim da Transurb, a estatal Metrobus assumiu a concessão da via e implementou o corredor exclusivo para ônibus com 19 plataformas centrais e cinco terminais alimentadores. Em 2011, após várias discussões na Câmara Deliberativa de Transportes Coletivos da Região de Metropolitana de Goiânia (CMTC), a concessão para a Metrobus foi prorrogada por mais 20 anos. Assim, estabeleceu-se que o governo estadual fizesse investimentos em tecnologia e em infraestrutura e também arcaria com a renovação da

frota e a ampliação das estações de embarque.

A história da via Leste-Oeste foi marcada por impasses entre os governos municipal e estadual desde sua criação. Enquanto à frente do Estado encontrava-se um líder da base aliada, a prefeitura era ocupada pela base opositora e vice-versa. Esse jogo político tornou-se um entrave nos diálogos entre as duas instâncias da administração pública. Dessa maneira, os usuários da via são obrigados a conviver, há vários anos, com os problemas encontrados na Avenida Anhanguera. Sem previsão para solucionar tais dificuldades, o pedestre continua refém da dinâmica do trânsito e da política.

COM A BOLA TODA

Por Sara Luiza

Edição e Diagramação
Laura de Paula



GOL DE PLACA

Goiás



Vencendo a maioria dos jogos com autoridade, o Goiás é a melhor equipe do Estado. O time está mais uma vez na ponta do Campeonato Goiano e é favorito para levar a taça. Os resultados positivos mostram maturidade da diretoria e jogadores e motiva os torcedores para o retorno à Série A do Brasileiro.

Campeonato Africano das Nações

O continente africano mostrou que não só europeus e sul-americanos podem mostrar um belo futebol. Durante a edição de 2013 do Campeonato Africano, que ocorreu na África do Sul, jogos bonitos e equilibrados puderam ser vistos. Os grandes nomes do continente continuam sendo Gana, Costa do Marfim e Nigéria, mas algumas sur-

presas permearam a competição como Burkina Faso e Cabo Verde. Esse ano, a rede balançou menos, muito por conta das grandes seleções participantes. A Nigéria levou o tricampeonato da competição ao ganhar a final contra Burkina Faso e vai fazer parte da Copa das Confederações no grupo B, ao lado de Espanha, Taiti e Uruguai.



CARTÃO VERMELHO

Torcidas organizadas

O juiz Eduardo Tavares dos Reis, da 14ª Vara Cível e Ambiental de Goiânia, concedeu liminar, em fevereiro, suspendendo imediatamente as atividades das torcidas organizadas do Estado. Assim, a Força Jovem, Esquadrão Vilanovense e Dragões Atléticos tiveram que paralisar qualquer atividade que as caracterize como organizadas. Essa medida vale por cinco anos. A decisão do juiz parte da análise de vários episódios envolvendo confrontos violentos entre membros dessas



Fotos: Reprodução

torcidas. Com a decisão, autoridades e sociedade esperam que episódios de violência cessem e que clássicos voltem a virar notícia apenas pelo futebol.

Corinthians

Um episódio trágico e triste faz agora parte da história do Timão. No dia 21 de fevereiro, Corinthians e San José (Bolívia) se enfrentaram pela Copa Libertadores da América. Logo após o gol do Corinthians, um sinalizador em posse de torcedores da Gaviões da Fiel foi atirado na direção da torcida do San José. Um adolescente boliviano de apenas 14 anos foi atingido na cabeça pelo artefato e morreu a caminho do hospital. O acontecimento lamentável provocou a ira de bolivianos e causou comoção na comunidade mundial. A polícia local prendeu 12 torcedores que estavam no estádio e os in-



dicou por homicídio doloso, caracterizado pela intenção de matar. O Corinthians foi punido e não vai poder fazer nenhum jogo fora do país acompanhado pela sua torcida. Mais uma vez o campo de futebol vira campo de batalha e pessoas inocentes como o jovem torcedor do San José são vítimas inocentes dessa guerra desleal.

entrevista

“A Ley de Medios coloca a comunicação em seu devido contexto: um serviço social”

EDSON SPENTHOF, PROFESSOR DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG) E ESPECIALISTA EM DIREITO DA COMUNICAÇÃO, ANALISA A LEY DE MEDIOS, AFIRMA NÃO DUVIDAR DO SEU VIÉS DEMOCRÁTICO E FALA SOBRE AS DIFICULDADES DE REGULAMENTAR O SETOR NO BRASIL

Entrevista: **Palloma Biasi**
Edição e Diagramação: **Laura de Paula**

Jornal Samambaia: A Ley de Medios foi criada realmente com o objetivo de democratizar a comunicação na Argentina?

Edson Spenthof: A Cristina Kirchner tende a se sentir acuada pela mídia, mas analisando o mérito da lei, ela é democrática. O que o Clarín faz é o que os grandes grupos de mídia no Brasil fazem, é reagir contra uma lei que significa diminuição do privilégio de se constituir como monopólio. Quando uma lei visa democratizar, qual é o primeiro discurso que eles usam? “Está ferindo a liberdade de imprensa e de expressão”, como se fossem a mesma coisa.

Samambaia: A desmonopolização tornaria a comunicação mais democrática?

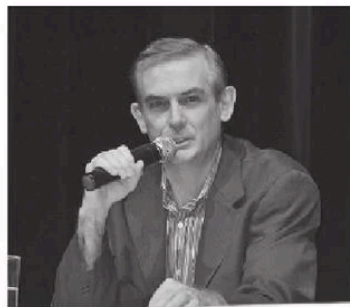
Spenthof: Não, mas em tese você começa a ter mais pluralidade. Pulverizar a propriedade de mídia é o primeiro caminho para democratizar, mas o meu ideal de gestão é acabar com a propriedade privada, considerar a comunicação um serviço essencial da população e criar somente veículos públicos geridos não pelo governante nem pela propriedade privada, mas pela sociedade com conselhos gestores e financiamentos também públicos.

Samambaia: Como você acha que vai ser o desfecho da Ley de Medios, considerando as disputas judiciais?

Spenthof: Ainda vai haver um confronto por certo tempo, mas acho que a Cristina ganha porque as ações protelatórias na justiça do Clarín estão chegando ao seu limite. A menos que o Clarín consiga enrolar tanto que termine o governo da Cristina e se eleja um candidato favorável a eles.

Samambaia: A Ley de Medios contribui para a luta pela democratização da comunicação no Brasil?

Spenthof: A Ley de Medios coloca a comunicação em seu devido contexto: um serviço social, ela é uma baliza forte. No Brasil, toda hora tem um artigo sobre isso: “a lei que o Brasil não tem coragem de aplicar, que o governo Lula não teve coragem,



Reprodução

Entenda a Lei

Popularmente conhecida como Ley de Medios, a Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual entrou em vigor na Argentina, em dezembro de 2012. Contudo, os artigos 45 e 161 que falam, respectivamente, do limite de licenças que cada grupo de comunicação pode ter e o prazo para se adequar à nova lei são questionados pelo Clarín, o maior grupo de mídia do país. O conglomerado, que recorreu à Suprema Corte de Justiça para impedir a venda de parte de seus veículos de comunicação, realiza uma campanha nacional contra a Ley de Medios e a presidente do país, Cristina Kirchner. Por meio de pressões populares nas ruas, muitos argentinos aguardam uma decisão judicial favorável à lei que desmonopoliza o grande número de licenças que o Clarín possui: são 240 licenças entre TVs abertas e a cabo, rádios e materiais gráficos. Pela nova legislação, o máximo são 24 concessões.

que o governo Dilma não está tendo coragem”. A pressão popular está crescendo.

Samambaia: Por que a Argentina conseguiu aprovar uma lei contra os monopólios de comunicação e o Brasil não?

Spenthof: Por covardia do governo brasileiro. Ele não enfrenta a situação com a coragem que a Cristina está enfrentando o Clarín. No Brasil, o governo Lula e o governo Dilma são duramente atacados pela mídia, mas talvez ainda não tenha existido um fato tão sério que tenha feito o governante querer mudar isso.

Samambaia: Por que é tão difícil conseguir uma concessão para TVs públicas?

Spenthof: Porque não está regulamentado na Constituição. É preciso uma lei que detalhe como vai funcionar o sistema público não estatal no Brasil. Ele vai ser gerido por quem? O Estado vai criar um fundo para sustentar como em alguns países onde uma porcentagem dos impostos vai para a mídia pública ou não?

Samambaia: As faculdades de comunicação têm uma educação mercadológica que contribui para a manutenção do sistema de monopólio das grandes mídias?

Spenthof: A universidade poderia se posicionar mais politicamente sobre a comunicação, mas no que diz respeito aos conteúdos que se ensinam não se pode dizer que são meramente mercadológicos. Os professores que conheço criticam o sistema de mídia comercial que temos. Isso não é um despertar do aluno para uma ação política?

Samambaia: Mas não falta apresentar alternativas aos estudantes do que o trabalho nos grandes grupos de comunicação?

Spenthof: Talvez precisemos falar mais aberto para nossos alunos: “gente, vocês não tem emprego só na Globo, nas rádios e associações comunitárias também”, mas não faltam elementos para os alunos pensarem dessa forma. Claro, em alguns casos há professores que dizem: “as empresas têm esse direito mesmo”, mas não é o que se vê majoritariamente.

Cinepop



por **Brunno Falcao**
e **Filipe Andrade**

Diagramação: **Laura Machado**

Godzilla

Em 2014, *Godzilla* vai aterrorizar mais uma vez com seu sopro radioativo. Refilmagem do longa de 1954, dirigido por Ishirô Honda, a nova produção terá roteiro e direção de Frank Darabont, criador da série *The Walking Dead*. As filmagens começaram em março e os nomes de Henry Cavill, astro de *Homem de Aço*, Scoot McNairy, ator de *Argo* e Caleb Landry Jones, conhecido por seu trabalho em *X-Men: Primeira Classe*, estão no elenco.



Da Broadway para a HBO

Vencedora do prêmio *Tony*, a peça *The Normal Heart* ganhará adaptação. O espetáculo foi encenado pela primeira vez em 1985 e remontado em 2011 na Broadway. Com direção de Ryan Murphy, o filme deve estreiar em 2014 no canal de TV à cabo HBO. O longa, que terá em seu elenco Julia Roberts e Mark Ruffalo, vai retratar o início da epidemia de Aids em Nova York, nos anos 80.



Fotos: Divulgação

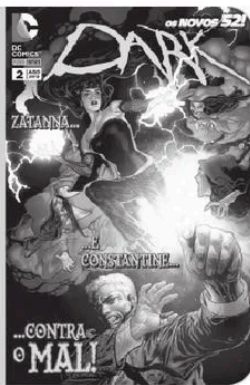
A volta da serra elétrica



Após desbancar produções como *Django Livre*, *O Hobbit: Uma Jornada Inesperada* e *Os Miseráveis* nos Estados Unidos, *O Massacre da Serra Elétrica* vai ganhar nova sequência. O próximo filme da franquia, em 3D, continuação do longa de 1974, estreou em janeiro para os estadunidenses. O sucesso surpreendeu os produtores, que anunciaram a produção de mais seis filmes. De acordo com os responsáveis pelo longa, que arrecadou R\$ 23 milhões no primeiro final de semana, a ideia é lançar um filme por ano, como a série *Jogos Mortais*.

Dark Universe

Conhecido pelas produções de *O Labirinto do Fauno*, *Biutiful* e *Gato de Botas*, Guillermo Del Toro afirmou que está trabalhando na adaptação de *Liga da Justiça Dark* para os cinemas. Segundo o produtor e diretor, o sucesso de filmes como a franquia *Batman* e o lançamento de *O Homem de Aço* em 2013 aumentam a possibilidade de investimento no projeto.



Crônicas & cia



Faltou pouco para que eu

me desapaixonasse por você

Texto: Yago Rodrigues

Diagramação: Laura de Paula

Escrevi o título no papel e logo pulei para as teclas do computador. Faz mais de um ano que quero saber a cor dos teus olhos e o teu cheiro, moreno. Só que tu insistes em não querer me encontrar. Indago sobre minhas palavras que, ou são muito tortas perseguindo minha essência tortuosa de querer me conhecer e o mundo, ou tão secas e te afastam para direção contrária à minha vida. Moço, eu preciso beijar-te.

Todos os dias olho tuas letras virtuais, se ouviste alguma música que eu desconheço, se estás triste ou querente com a vida. E tuas rugas? Tuas impressões milenares? Como faremos? Quero mostrar-te meus álbuns de Caetano, meus livros de Clarice e Pessoa. Já te dei o trecho de Lygia. A “Elegia” do meu querer por você. E, mesmo assim, te insistes em uma distância próxima, de trilhões de pixels. Odeio a física do não-espaço.

E tu? O que vestes no cotidiano? Vais de ciência e biologia? Ou te preocupas com as mulheres que não voam do Oriente Médio? As cristas do mar, as bênçãos de Iemanjá? Tu encontrastes o mundo em um servidor de pesquisa ou te serves a pesquisar nos livros da Biblioteca no

centro? Quando tu te desconectas sinto a falta de você aqui, longe por um a-braço da minha tela.

A Nina de Chico vive em outro país. A Ana do Oriente, Ocidente, de acidentes em Amsterdã. As imagens da Indonésia são lindas vistas por aqui. Mas eu nunca as toquei. Tampouco senti o aroma das flores ou percebi com as lentes dos meus olhos como são faceiras e “certoas” de si no desenharem-se com o vento. Minha mão escorre por querer a ti, no teu corpo ser corpo. Materializado e derretido diante de mim.

Aqui leio as pornografias cotidianas de diários abertos. De faceiros milhões de amigos. De cartas escritas à dez dedos. Vejo vossas e nossas notícias tão universais se distribuírem e se redigirem com críticas a bel prazer. Se bom, ao menos desmistificaram os mágicos da incrível sala de redação, que as escrevem hoje em mesmas ferramentas. Se não, quantas horas vós dedicais à sôfrega arte de desconhecer a arte? A política? A geografia? As religiões? As ideias confusas difusas no eterno espaço do mundo-tempo? Ah!, vós sabeis do mas e dos mais.

Fico ardente em ler tanta notícia boba enquanto tu não me apareces.

Eu perco aqui minha tarde, minha noite por um segundo da madrugada ou da manhã em que tu me respondes. Um segundo ganho.

Mentira. Eu sou soberbo. Assisto filmes do mundo de lá, escutando música do lado de cá. Brincando de dançar e pular no espaço microscópico dos pisos do meu quarto. Em Bagdá. Escutando o tum-tum vir a calhar. E te esperar. Conheci artistas de outras décadas, em vídeos estatelados que estariam guardados em estantes esquecidas entre traças. Ó, tela. Tu, menina, que me dás tantos amores. Só que me deixe comê-los no jantar, saber como cozinhar os pratos de Índia, Magnólia, os Pirineus. Deixa eu parar de sonhar com os tênis da América brilhante. Migrante, importante de ideias, costumes, designs e cocares. Confundi-me, na pressa de tanta instantaneidade.

Amor, estou afoito. Ansioso, foi tudo que me ensinaram. Não corra, não. Fique aí, bem devagar eu me apaixono pelo pouco de ti. Ah, se não me maltratasses. Será que o amor do desconhecido chegou ao fim?

Eu quase me desapaixonei por você mil vezes entre papel e teclas. Tu me confundes na realidade e até no d-existir dos átomos.

Imagens: Reprodução



o l h a r e s

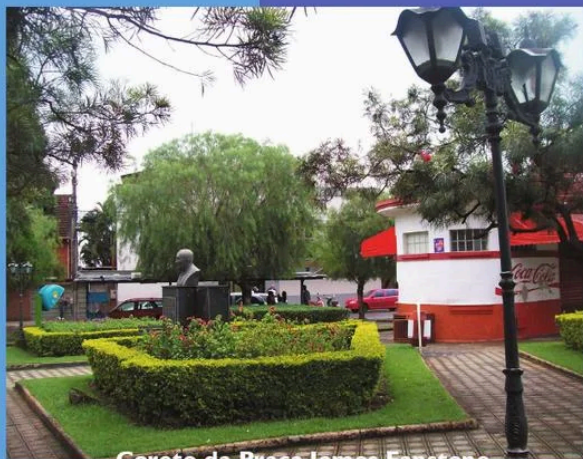
Anápolis decó

A centenária cidade de Anápolis tem mais de 340 mil habitantes e responde por 10% do PIB goiano. Dona de uma economia pujante, a história de Anápolis se esconde junto aos prédios antigos de *art déco*.

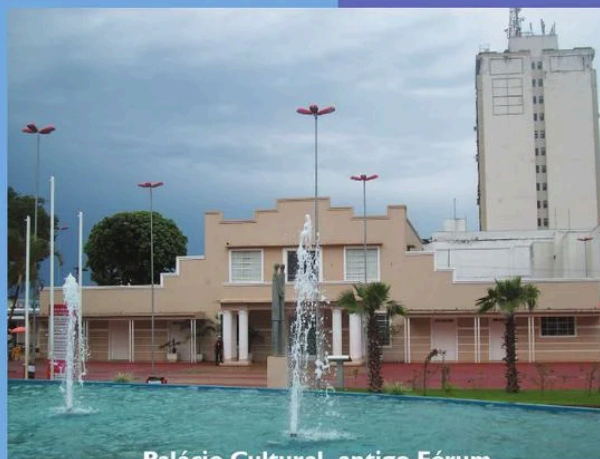
Texto e Fotos: Danilo Boaventura
Edição: Laura de Paula
Diagramação: Wanderson André



Antiga Ferrovia, dentro do atual Terminal Urbano



Coreto da Praça James Fanstone



Palácio Cultural, antigo Fórum



Casarão na rua Achilles de Pina



Igreja Santana, ponto inicial da cidade